Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3010unse

O XXX—Brasil—E. S. Paulo—Matão, 15 de Novembro de 1954 — N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 15 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Dia dos Mortos . . . . . *Redação*
Os Fenômenos Espíritas . . . . *João Leão Pitta*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Experiência que pode ser repetida *G. Burchett*
Réplica a uma Crítica Injusta . . *Manoel Alba*
Personalismo e Individualismo . . *Loiola*
Exagêro Lamentável . . . . . *I. G. B.*
Paulo Hareng . . . . . *De "Estudos Psíquicos"*
A Unificação virá de S. Paulo . . *Leopoldo Machado*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz em Jesus

O Natal de Jesus está se aproximando. A União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará, como de costume, uma festa comemorativa da maior data da cristandade, repartindo entre os pobres mais necessitados, em homenagem ao natalício de Jesus, as dádivas que, por intermédio da Comissão Organizadora do Natal dos Pobres, lhes ofertarem os corações bem formados, o que na realidade constitue a melhor homenagem prestada a Jesus, amigo e defensor dos pobres e humildes.

Vem, pois, a Comissão pedir para tal fim o auxílio de todos os que queiram se aliar a esta festa de Caridade.

As ofertas poderão ser feitas em dinheiro, gêneros alimentícios, tecidos, roupas mesmo usadas, e Jesus recompensará a todos, cobrindo-os de bençãos espirituais.

A Comissão agradece antecipadamente, almejando-lhe, desde já, um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de paz e felicidade espiritual e material.

Matão, Novembro de 1954.

Pela Comissão:

Antonia Perche S. Campêlo

Presidente do Dep. de Assistência Social da UME.

Aos nossos assinantes

Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude dos novos níveis de salário e do aumento do preço da matéria prima, somos forçados a aumentar o preço da assinatura de «Revista Internacional do Espiritismo» do próximo ano em diante, isto é, a começar de Fevereiro de 1955. O preço será o seguinte: cr.$60,00, porte simples, e cr.$70,00, porte registrado, assinatura anual.

Tratando-se de uma medida justa que visa a manutenção de «Revista Internacional do Espiritismo», em benefício da propaganda, estamos certos de que os nossos prezados assinantes estarão de pleno acôrdo conosco, nos auxiliando no prosseguimento da obra que não é nossa, e sim do Alto.

A REDAÇÃO.

ANO XXX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1954 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

DIA DOS MORTOS

O emérito escritor francês, Montaigne, escreveu isto :

«São as ruínas e os pavorosos aparatos com que rodeiam a morte que metem mais mêdo do que a própria morte. Os gritos das mães, das mulheres e das crianças, a visita de pessoas espantadas e transidas, a presença de criados pálidos e consternados ; quarto sem luz, círios lacrimejantes, cabeceira cercada por médicos e sacerdotes, em resumo, o horror em tôrno do morto...»

Quando ocorre a morte, ainda em certos meios religiosos, cerram as janelas, a todos se impõe silêncio e o sorriso na casa enlutada é quasi uma blasfêmia. Armam eças custosas, cobrem as paredes de panos negros. Ainda poucos decenios atrás eram os côches fúnebres, tirados por cavalos cobertos de veludo negro, franjados a ouro, à cabeça, negras plumas flutuantes, tudo sombrio e tétrico. Amigos e parentes seguiam o féretro a passos cadenciados, vestidos de luto rigoroso — «Pompa mortis magis terret quam mors ipsa» — Os cemitérios ainda continuam a ser o lugar onde há maior derrame de lágrimas, não obstante a *gloriosa esperança de imortalidade*. E para certa gente o túmulo continua a ser o ponto final, o término da existência, a *ultima morada !*

Extinguiu-se a fé dos tempos primitivos, substituida pelo cepticismo materialista.

Os povos em que predomina o cristianismo são os mais flagelados pelo terror à morte, em contraste com o que acontecia nos primeiros séculos.

Cantando, marchavam os mártires para dentro da arena e intrepidamente afrontavam a morte, como o fim de uma vida, — a terrestre, e o começo de outra — a celeste. Muito a história conta sôbre êsses rostos iluminados em face da morte libertadora.

A perspectiva oferecida pelas religiões é sombria : o julgamento por uma Deidade vingativa, seguido de tormentos infindáveis, ou bemaventuranças mais lúgubres ainda, consistentes de contemplações estáticas, cânticos laudatórios e adorações perpétuas. Mas o bom senso já relegou essas velharias para as regiões lendárias do passado. No momento em que as igrejas perdiam sua autoridade secular, quando o materialismo atingia seu ponto culminante e difundia a teoria do aniquilamento da individualidade humana, surgiu novamente a doutrina da imortalidade apoiada em fatos. Ao pensamento oferecia ela a explicação racional do grande enigma do ser e do destino, ao coração, o confôrto ; negados pelos corifeus da ciência e das religiões, era o conhecimento das leis eternas de evolução e justiça. A ressur-

reição de idéias julgadas mortas, mas que apenas dormitavam, produz-se, anunciando uma renovação moral e intelectual. Doutrinas, que dois mil anos atrás foram o patrimônio comum, revivem sob forma mais desenvolvida, e numerosos fenômenos, por muito tempo desprezados, mas cuja existência é constatada por sábios, vêm oferecer sólida base para derrotar o materialismo.

Falando a respeito do temor da morte, Cairbar Schutel escreveu em «A Vida no Outro Mundo»: ...Êsse mistério, indecifrável para a ciência e as religiões, êsse inimigo que os sacerdotes não ousaram enfrentar, essa esfinge que causa pavor aos crentes de todas as religiões, que se limitaram a cantar para suas vítimas o — *De-Profundis*, é que esta crença (o Espiritismo) veio desvendar e já se mostra vitoriosa na luta.

Não devemos encarar a morte com pavor, visto ser «o crepúsculo de uma vida e a aurora de uma nova existência». A morte é o ponto culminante das nossas aquisições terrestres e o começo de nova etapa na eterna jornada da evolução.

A morte não é, pois, cousa tão tétrica como se imaginava. E' um espetro que mete mêdo a distância, mêdo que desaparece quando se lhe chega perto. Assim tem acontecido a muitos que estiveram na iminência de morrer, em condições de emancipação incipiente do espírito dos vínculos do corpo, e tendo com isso um vislumbre da outra vida, perderam todo o apêgo à vida terrestre e ardentemente desejavam permanecer no ambiente espiritual que se lhes revelara.

O caso que reproduzimos adquire valor pelo fato de ter sido narrado por Victor Hugo, que lhe aduziu comentários interessantes. Foi relatado no opúsculo intitulado: «Vitor Hugo na Islandia». O autor, testemunha da ocorrência, diz:

«Duas lindas meninas lhe ofereceram um ramalhete de flores e um dos habitantes disse a V. Hugo: «Estas são filhas de um ressuscitado». De um «ressuscitado?», exclamou estupefato V. Hugo. Então o interlocutor contou que o pai das crianças era viuvo, perdera um filho adorado e que lhe restavam aquelas duas meninas e outro filhinho. Em seguida acrescentou que certo dia em que o pai, juntamente com o menino, passava de carro por um caminho apertado, ladeado por uma ribeira de águas estagnadas, o cavalo assustou-se e caiu na água lamacenta. O menino, que poude salvar-se, graças a um arbusto a que se agarrara, não vendo aparecer o pai, chorando suplicava a alguns camponeses lhe restituissem o papá.

Tiraram o carro, com o cavalo morto, e o pai inanimado. Por longo tempo tentaram reanimá-lo com fricções e outros processos apropriados ao caso e, por fim, êle deu sinal de vida, lentamente recobrava os sentidos, abrindo os olhos: estava salvo. Pois bem, êsse homem que por milagre fôra arrancado à morte, apenas se encontrou em estado de falar, murmurou com acento desolado: «Mas, que fizestes? Encontrava-me tão bem no lugar em que estava. Minha mulher e meu filho estavam comigo... Acorreram a dar-me as boas vindas... Eu os via... Encontrava-me no paraíso... inebriado de luz radiosa... Oh, meu Deus, que fizestes?... Mas, então, já não estou morto?»

Em seguida, êsse ressuscitado se reconciliou com a vida, e não sómente se encontrou curado de seus antigos sofrimentos corporais, como ainda se sentiu liberto do temor da morte, porque já sabia, de conhecimento próprio, que em certo dia estaria reunido ás criaturas adoradas que havia encontrado no Além».

Êste o comentário de V. Hugo:

«São dois os enigmas a resolver neste memorável evento: o enigma do corpo e o da alma.

Não trato de resolver o primeiro, nem explicar como possa um afogado permanecer no fundo dum charco sem morrer. Mas o que compreendo bem são os lamentos de uma alma arrancada à morte. Que diacho! Êle estava exilado da vida terrena, desta sombra de vida; a alma fugira de um corpo enfermiço, livido que jazia no fundo do charco. Apenas havia iniciado a feérica ascensão, e, do fundo lodoso, atravessando a água barrenta havia aflorado à superfície. Todavia notou não poder elevar-se, porque uma penugem da própria asa vinculava ainda a um horrível e último alento sufocado no lamaçal e, contudo isso, já respirava deliciosamente inefável fragrância do além da vida, e já se reunira às adoradas criaturas que havia

perdido; uma esposa e um filhinho. E a prisioneira evadida, mas não livre, sente-se, de súbito, assaltada dum intempestivo estremecimento vital; sente que o vínculo que a unia ao corpo, em lugar de romper-se, solda-se de novo, e que em lugar de se elevar para a luz, volta à noite de vida. E então essa alma, essa ressuscitada na terra, prorrompe em clamor de angústia desesperada...»

* * *

O episódio seguinte assume valor especial pelo fato, talvez único, de ter sido discutido numa assembléia rigorosamente científica. Foi relatado por Sir Auckland Geddes, professor de anatomia, em sessão de 26/2/1937, perante a «Royal Medical Society». A narração foi colhida estenograficamente da bôca do protagonista no momento do seu retôrno à vida, e o protagonista, segundo se adivinha, também era médico.

Êste narra ter sido colhido, à noite, por uma crise de gastro-enterite aguda, com vômitos, disenteria, cólicas, infecção do sangue, pulso e respiração quasi insensíveis. Êle observa: «Quís tocar a campainha e chamar por socorro, mas já não estava em estado de o fazer, e filosoficamente me resignei ao meu destino. De súbito, percebi achar-me em estado grave, e rapidamente examinei a situação financeira confiada à minha gerência. O que me convenceu que minhas faculdades mentais estavam em plena eficiência. Contudo, experimentei a sensação de estar-se desdobrando a minha personalidade em outra que também me pertencia... Ao mesmo tempo que o meu *Eu* consciente aderia à primeira personalidade, a fundamental, pois que a outra parecia secundária enquanto pertencente ao corpo... A secção consciente desligou-se do corpo, de modo que eu via êste último, à distância. Não tardei a perceber que não só eu podia ver o meu corpo deitado no leito, como também as cousas existentes na casa e no jardim; e, com crescente admiração que me era igualmente possível enxergar as cousas distantes, mesmo de Londres à Escócia, e por toda parte; isto é, eu dirigia o pensamento a alguém que não via, mas sabia ser o meu «Mentor», o qual me explicava que isso acontecia por estar meu espírito emancipado dos vínculos carnais e que eu existia numa dimensão do espaço no qual o *pensar* em dada localidade equivalia a achar-me na mesma...

Quando eu começava a compreender o que me era explicado, vi entrar no quarto o amigo A... que, à vista do meu corpo exânime, ficou terrivelmente impressionado e imediatamente correu ao telefone. Pouco depois, chegou o médico que, ao ver-me, exclamou (ou li em sua mente tal impressão): «Êste homem está mais morto do que vivo». Êle se aproximou, curvou-se sôbre mim, dirigiu-me uma pergunta, mas eu não estava em contacto com meu corpo, e não pude responder. Depois, vi-o tomar uma seringa e praticar-me uma injeção. Isso aborreceu-me profundamente. Compreendi tratar-se de injeção canforada, em consequência da qual meu coração recomeçou a pulsar fortemente, e então me senti irresistivelmente atraído para o corpo; o que me causou revolta, porque o ambiente em que eu estivera me fascinara, tanto mais que começava a familiarizar-me com o lugar em que me encontrava. Mas, fui obrigado a reentrar no corpo, provando vivo ressentimento contra o médico que me havia forçado a retornar ao corpo. Verificado isso, dissiparam-se minhas faculdades de clarividência, e de novo me encontrei de posse de minha consciência ordinária, normal, circunscrita, unicamente apta a advertir-me que eu sofria horrivelmente...»

O protagonista está de pleno acôrdo com todos os que passaram por experiências análogas. A aventura foi para êle, como para todos os outros, portadora de serena filosofia e de estímulo no cumprimento de seu dever na terra.

Eis a missão do Espiritismo, abrir as perspectivas radiosas do futuro, fazer luzir um raio de esperança na noite das incertezas, aliviar o fardo das provações e desfazer o temor da morte.

Orientai a vossa vida de acordo com os preceitos evangélicos, e deixai o resto por conta de Deus, nunca duvidando do seu auxílio, e tudo vos correrá bem. — GREGORIO.

Os Fenômenos Espíritas

João Leão Pitta

CONCLUSÃO

S. Agostinho, honra e glória da igreja de Roma, diz em seus sermões que falava com sua mãe, Santa Monica, depois de morta. Sta. Izabel, rainha de Portugal, certa vez levava no avental moedas de cobre para dar aos pobres; o rei quer saber o que ela levava, e ela lhe diz: são rosas; e quando o rei abriu o avental só viu pétalas de rosas. Chama-se a isto fenômeno de «transfiguração». As aparições de Sta. Terezinha, os estígmas de Francisco de Assis, os chamados milagres de Sto. Antonio, outra coisa não são que efeitos de mediunidade. A aparição de Eldigur e Vespasiano simultaneamente em dois lugares, é um fenômeno espírita de «bicorporeidade», tal como se deu com Antonio de Padua. Joana d'Arc via e falava com dois espíritos que a guiavam em sua missão. Joana d'Arc foi queimada viva, como herética e feiticeira, na cidade de Ruão às ordens do bispo Cochon, e mais tarde canonizada como santa pela mesma igreja infalível. Agora pergunto, quando é que a igreja foi infalível, quando a queimou, ou quando a canonizou como santa ? ? ?

Lendo-se a vida de todos os santos, vamos encontrar várias mediunidades, através das quais os espíritos se manifestavam, dando provas da sobrevivência da alma, de que se aproveita a igreja de Roma para daí tirar suas vantagens. Nessa mesma igreja de Roma, no Vaticano, se têm dado muitas manifestações espíritas, como por exemplo a escolha dos evangelhos: havia vários evangelhos relatando os ensinos de Jesus, e, para dicidir os que deviam permanecer como mais completos, fizeram uma sessão e espalharam no chão, junto ao altar, todos os evangelhos e pediram que os que tivessem maior número de verdades, fossem levitados pelos espíritos e colocados sôbre o altar: Os escolhidos pelos espíritos foram os de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Uma profecia no Vaticano, desta vez feita pelo papa Bento XV em 1921: Neste ano o papa Bento XV criou três cardeais, Giovanini Tacci, Achiles Ratti, que mais tarde foi o Papa Pio XI, e Laurenti. Giovanini Tacci e Achiles Ratti, foram ordenados cardeais padres, emquanto Laurenti foi ordenado cardeal decano, que é o grau máximo.

Após receberem o manto purpurino, os três cardeais foram levados à presença do papa em audiência privada, sentando-se em semi-círculo a seus pés.

Então o papa teve uma visão profética, e disse: pude distribuir, com a graça de Deus, três mantos purpurinos, mas vejo o manto branco descer sôbre um de vós. Vejo também que minha morte se aproxima. Isto queria dizer que um dos cardeais seria papa. Realmente, sete mêses depois, Bento XV contrae uma pneumonia, e, durante a enfermidade que o vitimou, a 22 de Janeiro de 1922, teve novamente a visão de sua morte, desconhecendo porém, o dia e a hora. Eis aqui um fato histórico e espírita, dentro do Vaticano, tendo por médium o próprio Papa.

Em S. Paulo, no tempo do padre Chico, a cúria romana tinha uma causa em juizo com o Estado; a causa foi resolvida a favor da curia. O padre Chico tinha ficado regendo a mitra durante a viagem que o bispo fez à Europa, e em cuja viagem naufragou. Para a cúria ganhar a causa em juizo, precisava apresentar um certo documento, que em vão procurou. Um dia, quando o padre Chico ia de tilburi para sua casa, passando em frente ao mosteiro de S. Bento, viu o bispo, que tinha perecido no naufragio, o chamar com a mão para se aproximar da porta onde êle estava.

Lá chegando, o padre Chico beija-lhe a mão como de costume, e o bispo lhe diz: «O documento que procuras está em uma gaveta secreta de minha secretaria particular, a qual se abre desta maneira.»

O padre Chico volta e pergunta ao cocheiro se conhecia aquela pessoa com quem ele falou. O cocheiro respondeu que era um padre. O padre Chico manda o cocheiro voltar ao palácio da cúria, e lá chegando, encontrou o documento conforme o bispo lhe havia dito. Este relato

encontra-se em um livro intitulado «Retratos a pena», da Livraria Alves.

Aqui temos a materialização do bispo, vista por duas pessoas à luz do dia. Poderiamos, com as manifestações espíritas dadas pelos santos de Roma, formar verdadeiras bibliotécas.

Na igreja Metodista também temos fenômenos espíritas, que podem ser conhecidos dos que lerem «Vida e Infância» de Johon Wesley, fundador da igreja metodista na Inglaterra. E' dentro das religiões, que anatematizam o Espiritismo, que encontramos provas valiosas.

Temos o testemunho de sábios que, no rigor dos laboratórios, obtiveram provas irrefutáveis das manifestações espíritas, da imortalidade da alma e da vida eterna.

Os fenômenos espíritas, começaram a ser divulgados com as manifestações que se deram em casa da família Fox, em Hydesville, na América do Norte. Os mesmos fenômenos apareceram em Londres, na casa da familia Cook. Como a notícia de semelhantes fenômenos se espalhasse na cidade, a Real Sociedade Dialética de Londres, que se compõe de homens de todos os campos da ciência, da arte e da filosofiia, com o fim de averiguar a veracidade dos fatos, nomeou o Snr. William Crookes, o maior físico da época. Depois que o Snr. Crookes visitou a família Cook e viu as manifestações, concluiu que tudo aquilo não passava de truques habilmente preparados, o que foi publicado no «Times», nessa ocasião o maior jornal do mundo. No dia seguinte, a menina Florence Cook, foi à casa do Snr. Crookes e disse-lhe: «O Snr. publicando no «Times», que os fenômenos que se dão em casa, são truques habilmente preparados por mim, talvez não reparasse que assim procedendo, está difamando a minha conduta. Aquí estou ao seu dispôr, para fazer as experiências que bem entender, uma vez que tenha a ombridade de publicar a verdade quando a encontrar».

O Snr. Crookes, diante desta franqueza, pensou: «Dentro do meu laboratório não será possível uma colegial de 16 anos ludibriar-me».

E aceitou a proposta.

Durante três anos, o Snr. Crookes fez, com Florence Cook, as mais variadas experiências. Construiu aparelhos que registravam os menores movimentos. Levou-a para sua casa afim de melhor estudá-la; mandou fazer roupas que não dessem margem a truques. Entretanto quanto maior era o rigor das experiências, tanto maior o resultado. Conseguiu a manifestação de um espírito que deu o nome de Katie King. Um dia Katie King materializou-se e o Snr. Crookes poude ver ao mesmo tempo o médium e o espírito materializado. Tirou diversas fotografias, entre as quais uma em que êle se achava entre a médium e o espírito materializado, não podendo desta fórma haver truque. Pesou a médium e o espírito quando materializado. Êste pesava mais que a médium, notando entre os dois grande diferença de pêso. Ascultou as pulsações do coração do espírito materializado, tomou-lhe o pulso, que era o de uma pessoa normal, tendo sempre à vista a médium em estado de transe.

Uma de suas experiências foi feita com uma garrafa contendo agua de barita. Pediu ao espírito materializado que respirasse dentro da garrafa que continha a agua de barita, e logo se fez a precipitação do carbono, provando assim que, um espírito quando completamente materializado, seus pulmões funcionam como os dos encarnados, donde o sr. Crookes chegou à conclusão que os espíritos podem se materializar e, nesse estado, apresentar-se como pessoas vivas, no uso de todos os seus orgãos.

Uma noite, o sr. Crookes estava tomando chá com sua esposa, a filhinha e a médium. Nessa ocasião Katie King materializa-se, senta-se numa cadeira, e põe a filha do sr. Crookes no cólo e conta-lhe histórias das Indias. Em cima da mesas estava uma campainha. O sr. Crookes pede ao espírito que fizesse aquela campainha atravessar o tampo da mesa com a luz acesa. O espírito diz-lhe que depois de sua desmaterialização pusesse a mão debaixo da mesa, o que foi feito. Assim o sr. Crookes teve ocasião de ver a campainha ir sumindo-se no tampo da mesa. Quando de todo sumida, sentiu a campainha cair em sua mão, sem ter deixado nenhum vestígio no verniz da mesa. Quando Katie King se despediu definitivamente por ter terminado a sua missão, o sr. Crookes disse que sentiu uma falta igual a de uma pessoa da família que desaparecesse.

Neste mesmo terreno e em outros semelhantes, investigaram sábios de reputação inconfundível como Wallace, Zoelner, Wolf, Gibier, Fischner, Akasakof, Er-

cole Chiaia, Cesar Lombroso, Gabriel Delanne, Juiz Edmonds, Geley, Oliver Lodge, e muitos outros.

Quando, depois da despedida de Katie, o sr. Crookes publicou no «Times», que os fenômenos espíritas eram uma verdade, expondo o relatório de suas investigações, foi demitido do cargo de professor na Universidade de Oxford e de membro da Sociedade Dialetica de Londres por ser considerado demente. Foi quando o sr. Crooks, em seu laboratório, descobriu o quarto estado da matéria, o o estado radiante.

Quando levou ao conhecimento da Academia a sua descoberta, reintegram-no nos seus postos antigos, com honras e distinções.

Em meados do século XIX, na Europa, o estudo do Mesmerismo ou magnetismo, estava muito em voga. Foi nessa ocasião que falaram das mesas girantes a Allan Kardec as quais respondiam as perguntas que se lhe faziam. Allan Kardec disse: «As mesas não podem falar, porque não têm cérebro para pensar». Mas, como negar sem provas é privilégio dos ignorantes, procurou assistir a uma das tais sessões de mesas girantes. As perguntas que fez, as respostas que obteve, guiado pela divisa *não há efeito sem causa*, logo convenceu-se de que a mesa era apenas um meio de que se servia uma inteligência para lhe dar respostas às perguntas que fazia. Com o critério e o bom senso que lhe eram peculiares, começou a fazer perguntas, com método e ordem, sôbre diversos ramos da filosofia e, com as respostas obtidas, confeccionou «O Livro dos Espíritos», «O Livro dos Médiuns», «O Evangelho Segundo o Espiritismo», «O Céu e o Inferno», «Obras Póstumas», com elas traçando as regras morais indispensáveis ao bom êxito das experiências, formando o método experimental para todos os amantes da verdade. Estas obras foram editadas em todos os idiomas.

No Pará também tivemos um médium de materialização, cujos trabalhos estão descritos em um livro intitulado «O Trabalho dos Mortos».

Depois de tantos fenômenos colhidos nos Livros Sagrados, na História, nos Laboratórios, com sábios de valor irrefutável, e nas religiões, inclusive no próprio Vaticano, dizer-se que os fenômenos espíritas são truques ou obra do diabo, é preciso que quem tal o faça seja analfabeto, ignorante, fanático, intolerante e de má-fé, porque toda a pessoa que preza os seus valores morais e intelectuais, nunca se abalança a falar do que não sabe, ciente que a negação sem prova é privilégio exclusivo dos ignorantes.

LIVROS E AUTORES

LEOPOLDO MACHADO

O EVANGELHO DO POETA — *Clovis Ramos,* Rio.

Um *Poeta Espírita* seria a denominação desta crônica, se se não tratasse de uma velha seção *Livros e Autores*. Um poeta espírita, pois se trata, efetivamente, de um jovem que elabora lindos versos com motivos evangélicos e espíritas.

Clovis Ramos é do extremo Norte. Filho do Amazonas, mas elegeu, parece, o Maranhão como seu Estado berço. Conhecemo-lo à distância, nos dias trepidantes do monumental Congresso de Mocidades Espíritas, realizado no Rio de Janeiro, em 1948. Escrevia-nos cartas em estilo bonito e leve. Leveza e boniteza que ajustam às suas estrofes. Foi o primeiro congressista que chegou, muitos mêses antes do Congresso. Vale recordá-lo. Apareceu-nos, uma noitinha, com o Vovô Vitorino, que o fôra receber a bordo. Viera, também, com a promessa de um emprêgo certo. Mas, chegando ao Rio, nem o prometedor, nem o emprego. Ficou conosco uma porção de tempo. Sua permanência ao nosso lado, em nossa casa, foi motivo, desencarnada a Marilia, de muita emoção para nós ambos, quando êle a recordou com a crônica sôbre a desencarnada, que nos enviou, inserta em «O IMORTAL», de Cambé, Paraná. Não se esquecera de que, sempre que chegava da rua, encontrava seu copo de leite, guardado especialmente para êle...

Correspondemo-nos, primeiro, com seu pai, o velho Maya Ramos.

Mais tarde, mudaram-se para Nova-

Iguassú, sua familia e êle, influenciados, naturalmente, por nós, sem que o soubessemos, embora o adivinhassemos. Adoeceramos naqueles dias. O pai, velho e entrevado, não podia sair, não nos visitou. Nós, também, receioso de que o coração nos pregasse alguma peça na rua... Mas, uma noitinha, lá nos fomos—nós e o Alberto Gonçalves de Barros, dois velhos e enfartados, um escorado no outro—à procura do Maya Ramos, à Rua Maturatí, no Bairro da California. E não encontrámos a casa. Ninguém conhecia a rua no local. Aguardavamos outra ocasião para visitar o velho espírita, aliás, em companhia do filho, quando recebemos, em meados de agosto, um telegrama do poeta: «Desencarnou, tranquilamente, meu papai, hoje». Vale salientar que, a esta altura, já Clovis Ramos está casado, pai de uma filhinha, residindo no Rio, bacharel em direito e funcionário de importante emprêsa comercial, que pretende deixá-la para consagrar-se, no Maranhão, à magistratura.

O poeta apareceu-nos, dias depois do desencarne do pai, ao *Lar de Jesus*, com expressiva gravata preta.

— Luto? Pois, você ainda crê no luto? Ainda põe luto?

Sua explicação, ou justificação, de tão fraca, não nos agradou. E até aproveitamos para formularmos significativo protesto por ver seu nome, no convite de formatura, convidando para a clássica missa. E não houve convite, à parte, para prece protestante ou espírita. Mas, êle, *andorinha só*, não quís fazer o verão de uma atitude desassombrada, bem à altura de seus versos...

Falemos, agora, do *Evangelho do Poeta*, que êle nos ofereceu, chamando-nos de «poeta, professor e grande trabalhador do Espiritismo». E particularizando que não era, ainda, seu livro definitivo, mas, alguns versinhos publicados à insistência de colegas de Faculdade...

Depois do prefácio posto nas orelhas da capa, assinado por Fausto Cunha, folheamos o volume de 57 páginas, simples e simpática edição da Pongetti. A dedicatória a três nomes de sua particular estima e mais *Aos Poetas de Graal, meus irmãos*... Deixamos o livro para leitura posterior e indagamos ao ofertante:

— Poetas de Graal? Que significa isto? Alguma escola poética nova?

Êle não nos soube explicar. Parece até que desconhecia a velha tradição de Santo Graal, que fôra o centro de imaginações místicas, durante a Idade Média. E lembrei-lhe até a célebre história de Carlos Magno e do velho prior, obeso e balordo, do velhissimo Convento de São Graal. Aparecera, um dia, no convento, o Imperador dos Francos, dentro de sua febre de reformar tudo para melhor. O velho prior não agradou a Carlos Magno. Era preciso substituí-lo. Mas, para não ser injusto, nem desgostar a Igreja, que lhe havia conferido a corôa de Imperador dos Francos, pelas mãos do papa, submeteu o velho prior à solução de três problemas. Queria Carlos Magno saber que tempo levaria para dar a volta à Terra; quanto devia valer em dinheiro e em que estaria pensando, quando voltasse, dias depois... O velho prior entrou a definhar, antevendo fugir-lhe a boa vida do convento. Foi o hortelão, homem simples e rústico, quem o tirou da dificil complicação, apresentando-se para solucionar os problemas, assim voltasse o Imperador.

Voltou Carlos Magno. Encontrou o prior muito magro, muito abatido. Teve, até pena do velho padre. E não descobrira o logro. Perguntou-lhe, então, depois dos cumprimentos de estílo:

— Que tempo levarei para dar a volta a Terra?

A resposta veio imediata e pronta:

— Se V. M. puder acompanhar o Sol, 24 horas apenas.

— Muito bem. E a segunda resposta?

— V. M. não é melhor do que o Cristo! Ora, se o Cristo foi vendido por 30 dinheiros, V. M. só deve valer 29... Como terceira resposta, pensa V. M. que está falando com o sr. prior, quando, na verdade, fala V. M. com seu hortelão, com seu chacareiro.

O premio do hortelão foi S. M. consentir que continuasse, com as suas canceiras e na sua velhice, o prior no convento.

Ora, essa história revela a inteligência e a humildade dos pobres e ignorados do mundo. Dir-se-á que tais poetas, por humildade e inteligência, desejam reformar para melhor, o mundo, à fôrça de sua Arte, de seus exemplos de trabalhos e de inteligência?

Vamos, agora, a seus versos, que só os lemos muito tempo depois.

E' a *Fantasia o Evangelho do Poeta.* Di-lo assim Clovis Ramos:

O Evangelho do Poeta é a fantasia
sua religião — a Poesia.
O poeta
é da Arte e da Vida o divino profeta,
o Messias do Novo e do Futuro,
que passa pela Terra, humilde e obscuro,
semeando alegrias no caminho.

Sua oração é o Verso
e quando reza, os cirios são estrelas...

Pareceu-nos que sua maior preocupação artística é a de apanhar no Evangelho e na Doutrina Espírita, seus temas, suas imagens magnificas. Foram suas imagens e seus temas o que mais nos agradaram nos seus versos, embora sua arte seja impecável, embora êle não despreze a rima e a métrica, versejando sempre sem os besterismos modernistas aí tão em moda, mas moda tão sem poesia! Em todas as suas estrofes, afóra as filigranas da verdadeira Arte e da melhor poesia, há a confirmação do nosso asserto. Vejamos no seu *Poema do Monte,* por exemplo:

Vinde mendigos, vinde leprosos,
vinde vós todos que padeceis,
acerbamente, na solidão;
vinde vós todos, os oprimidos,
sou vosso amigo, sou vosso irmão.

Sou também pobre, nada mais tenho,
vêde meus trajos e sabereis,
sou peregrino de uma ilusão;
eu nada tenho, mas tenho tudo,
tenho uma crença, que é meu bordão.

E no *MEU REINO NÃO É DÊSTE MUNDO:*

Estou aqui de passagem,
vou para mundos distantes,
onde é mais pura a paisagem
à luz de sois fulgurantes.

E em *CANÁ:*

Mulher, traze-me o cântaro de vinho!
Nesta festa de amor, quero beber,
Filha, venho cansado do caminho,
Filha, quero beber, quero esquecer!

E em *PRÓDIGO:*

—Leva, mendigo triste, a minha túnica.
—Mulher, aceita um osculo de irmão!
E tu, velhinha; trôpega velhinha,
deixa que te conduza pela mão.
Ó tu que vives sobrecarregado,
Vim do Cirene para te ajudar!

E em *PARÁBOLA DA GOTA DE ORVALHO:*

Assim também és tu, minha alma.
Esta verdade hei de calar?
Uma vez mais voltaste à Terra,
a esta mansão do teu penar;
mas, hoje sendo a alma de um poeta,
és mais feliz — sabes cantar.

E em *SAMARITANA:*

Sentei-me à borda do poço
(era o poço de Jacob)
Chegou a Samaritana,
me viu tão triste e tão só...

E em *MADALENA:*

Tem a minha Madalena
uns olhos tristes de amor,
sua pena é a minha pena,
mas a minha Madalena
vê em mim Nosso Senhor.

Jesus tinha a alma serena
a alma-luz, com tal fulgor...

E em *O MILAGRE:*

Repontavam no céu as primeiras es-
[trelas
e o Poeta, sôbre o Monte, em cada
[estrela via
o olhar manso e amoroso de Maria.
E via a multidão que, em baixo, se
[agitava
nas faldas a escorrer como um rio de
[lava,
vencida pela fome e pela caminhada,
a multidão cansada.
Ao longe, estava o mar. Ouvia-se o
[lamento
que vinha do Mar Morto, o sofrimento...

Não tenho pão, nem peixe
para esta multidão que veio me escutar...

E em *SERMÃO:*

Quem tiver duas capas que ofereça
uma ao que nada tem e anda curtindo
o frio dêste inverno, sem que peça,
sem dizer quanto frio está sentindo.

De caridade é que precisa o mundo,
Sêde bons, imitai a água corrente:
Passa rolando indiferentemente,
lava o seixo no fundo.

Sou pela glória de servir primeiro
pela libertação total da vida.
Quem fôr melhor do que seu compa-
[nheiro,
cure-lhe a ferida.

E em MARTÍRIO:

Martírio de sofrer, como o Cristo, o
[desgosto
do cálice de fel no Horto do Desen-
[gano,
escutar, pela noite, as pisadas traidoras
o beijo de algum Judas, pérfido, no
[rosto...

E em HORTO, apenas, uma única estrofe:

Os meus labios querem beijos
a minha alma quer ventura;
afasta de mim, Senhor,
êste calix de amargura!

E em CORÔA DE ESPINHOS:

Quando, agora, aos meus ombros, tris-
[te, ponho
essa cruz de paixão, a cruz do sonho
pesada cruz de minha grande dor,
vejo chegar aquela que eu queria,
Veronica do Amor e da Poesia,
que volta ainda para o meu amor.

E em VIA CRUCIS:

Dizia caminhando pela noite
o que em meus versos exaltando venho.
Meu desejo era o algoz, a vida, o açoite
Era saudade o lenho.

E em IDE!...

Ide e pregai a toda a criatura
o Evangelho do afeto e da ternura
que com risos e lagrimas compús.
Ide e espalhai pelos caminhos luz
a luz do pensamento que fulgura
pela noite do mundo. Ide e pregai
a Boa Nova da Poesia pura!...

Vamos ficar por aquí, que é para não transcrever todo o livrinho — aliás, na verdade, um LIVRÃO — respigando coisas doutrinárias, coisas evangélicas.

No Espiritismo há muita gente que faz versos.

Até nós os fazemos. Até com rima, métrica, aprumo e inspiração. Até há, ainda, quem nos classifica de *Aedo do Espiritismo.* Mas, a verdade é que ainda está faltando ao Espiritismo o seu poeta, o seu verdadeiro poeta. Já o dissemos ao Sebastião Lasneau, um dos raros poetas espíritas, convidando-o para esta glória e esta láurea. Dizemo-lo agora ao Clovis Ramos, que possue mais do que nós dois — o Lasneau e nós — mocidade, saude, talento, inspiração.

Nada lhe falta, portanto, para o convite amavel que, não nós, mas a Doutrina, mas o Evangelho, lhe fazem!

Experiência que pode ser repetida

«LIGHT» — *Por G. BURCHETT*

Existe atualmente um processo que permite aos espíritas estabelecer o fundamento de sua doutrina, mesmo sob exigências de laboratório. Êsse fundamento é a afirmação de possuir o ser humano, junto ao corpo protoplásmico, um corpo agora denominado «etérico», separável do corpo protoplásmico, que pode agir como um inteligente ser humano, à distância do corpo protoplásmico, invisível às pessoas que espreita como observador inteligente e pode relatar o que vê e ouve, por meio do corpo protoplásmico de que se apartou.

Basta o seguinte exemplo para mostrar a significação dêste desenvolvimento da nossa aquisição. E' citado do *Livro de um Hipnotizador,* da autoria do Dr. Alex Erskine, que foi célebre expoente da prática hipnótica.

Diz êle que certo dia foi procurado por um homem, cujo nome verdadeiro substituiu pelo de «Jones». A senhora Jones antes fôra bela, mas, atacada de paralisia em consequência de um acidente, tornara-se inválida.

«O que deseja o senhor que eu fa-

ça ?» Perguntou Erskine ao marido. «Eu sou um neurologista, não mágico».

O visitante respondeu: «Desejo a cura de sua mente. Ela é tão desesperadamente miserável. Se ela só encontrasse um pouco de paz, um pouco de felicidade !»

O hipnotizador acompanhou o marido a sua casa. Uma rápida inspeção da paciente fez Erskine suspeitar que ela estava sendo vitimada por um tóxico. Porém ela protestou, não usava qualquer tóxico. Êle pediu permissão para adormecê-la, permissão que lhe foi recusada.

Poucos dias depois, Jones foi à procura do Doutor, o qual lhe revelou a sua suspeita. «Impossível», disse êle. «Donde lhe poderia vir a droga ?»

A consequência confirmou a suspeita de Erskine. Após alguma discussão, Erskine mandou buscar uma pessoa que sempre preferia para suas experiências hipnóticas. Rapidamente foi êle adormecido. «Ide», ordenei, «ao dormitório da snra. Jones e dizei-me o que vêdes».

«Imediatamente veio a resposta; — Lá não a vejo, o leito está vasio.

Olhámo-nos mutuamente sem articular palavra: Finalmente disse eu ao sujet — Em que lugar está Mrs. Jones ? Ide procurá-la.

«Ela está no aposento contíguo, em seu gabinete de vestir».

«O que faz a senhora ali ? Dizei-nos tudo o que vêdes».

«Ela está deitada num canapé. Com ela está um homem. Êle está de pé, e lhe dá algo conservado num pequeno frasco verde».

Em seguida, o consulente e o hipnotizador dirigiram-se a casa de Mrs. Jones, e entraram em seu quarto. Ela estava adormecida, mas despertou imediatamente. Erskine perguntou, «A senhora está aquí há muito tempo ?»

Ela respondeu, «Sim, eu estava dormindo».

«Não esteve no quarto vizinho ?» Perguntou Erskine.

«Sim, lá estive», respondeu a paciente.

«Veio o meu massagista, mas já se retirou».

Pelo telefone o Dr. Erskine pediu o comparecimento imediato do massagista. Êste entrou imperturbável, no quarto.

Erskine colocou-se no vão da porta e disse: «Há quanto tempo estais dando cocaina a esta senhora ?»

«Êle hesitou, e encarou a snra. Jones, que o fixou horrorizada sem estremecer.

«Não», disse eu interpretando seus pensamentos. «Nada ela me disse. Mas eu *sei*. Menos de meia hora atrás, estaveis de pé a seu lado, em seu quarto de vestir, estando ela deitada no canapé, e lhe estaveis dando cocaina de um frasco verde. *Alguém vos observava*».

O observador invisível enviado pelo hipnotizador obteve a revelação que trouxe a confissão. O massagista cedia as instancias da paciente e ia buscar o tóxico. Ela recusou a assistência do Dr. Erskine e pouco depois faleceu.

Hipnotizadores competentes podem, quasi à vontade, repetir semelhantes demonstrações, como o fez o Dr. Erskine ao empregar seu sujet hipnótico, o qual agindo à distância de seu corpo protoplásmico, serviu como observador invisível e relator do acontecimento. Assim possível se torna fundamentar o caso do Espiritismo por meio da experiência de laboratório.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 100,00	Do 11.º ano Cr.$ 100,00	Do 24.º ano Cr.$ 80,00
Do 4.º ano . . 100,00	Do 18.º ano . . 80,00	Do 25.º ano . . 80,00
Do 5.º ano . . 100,00	Do 19.º ano . . 80,00	Do 26.º ano . . 80,00
Do 6.º ano . . 100,00	Do 20.º ano . . 80,00	Do 27.º ano . . 80,00
Do 7.º ano . . 100,00	Do 21.º ano . . 80,00	Do 28.º ano . . 80,00
Do 8.º ano . . 100,00	Do 22.º ano . . 80,00	
Do 10.º ano . . 100,00	Do 23.º ano . . 80,00	

Réplica a uma Crítica Injusta

NO número de agosto último desta revista, em «*Idéias e Conceitos*» deparamos com injusta crítica assinada pelo sr. Arnaldo S. Tiago, sôbre o «*Missionários da Luz*» trabalho ditado pelo espírito de André Luiz.

O crítico em questão mostra-se solidário com conceitos emitidos pelo Prof. Pietro Ubaldi, Roustaing, Paul Gibier e talvez outros que por esquecimento não citou, desprezando as verdades que, com a graça de Deus, do Alto enviam as Entidades incumbidas de nos espiritualizar. Reconhecemos no autor de «*A Grande Síntese*», que é em quem mais o crítico se baseia, um potencial de inteligência armazenada através de inúmeras reencarnações, um grande inspirado como afirma o sr. Arnaldo S. Tiago, um intuitivo bem intencionado, mas sôbre tudo um homem que obedece mais a seu temperamento de que ás próprias emissões que vibram em seu redor, sugeito portanto a elaborar em êrros.

No capítulo «Reeencarnação» de o «*Missionários da Luz*», André Luiz nos fala de um departamento, onde se estruturam os futuros corpos físicos que servirão de habitação às Entidades possuidoras de patrimônio espiritual, mas, obrigadas a voltar a terra para resgate. Aqui, dias melhores do que nas «viagens» anteriores os esperam visto que evoluiram relativamente. Razão por que são merecedoras de antecipadamente ver o desenho e depois o evólucro que servirá de moradia, assistindo-lhas ainda, o mando de modificar a seu bel-prazer a forma anatômica.

Em resumo; é um direito adquirido pelo progresso de cada espírito. Nessa altura, o sr. Arnaldo S. Tiago que é rico em citações, discórda e apela para uma página de «*Ascenções humanas*», de Pietro Ubaldi, *(Veja-se Revista Internacional do Espiritismo, de 15/8/954)*, para dizer a seguir: — *Como pois admitir tais laboratórios, nos quais elevados espíritos «planejam reencarnações»?* Tudo é feito com a Graça de Deus.

O processo da fórmação de qualquer corpo vivo parece ser segredo de Deus, para nós, que permanecemos em estado animalizado. Mas não constitue segredo para os missionários da Luz, que são fieis obreiros do Criador, despidos de todos os entraves que nos proibem a ascenção à Luz Eterna.

Se, a formação dos corpos vivos fosse segredo exclusivo de Deus, em vez de Bondade, Êle seria, Ambição. Portanto, a vontade de Deus reside no interior de cada criatura. Evoluindo, chegaremos até Êle, e uma vez lá, não haverá segredos também para nós.

Crítica injusta dissemos no intróito desta réplica: injusta, porque o crítico, atribue pontos de vista, às verdades de um Espírito que na terra foi homem de ciência de «*cérebro esclerosado pelas idéias materialistas*». Realmente foi médico, foi materialista. Como espírito, é um trabalhador do Cristo que procura atrair para o reino de Deus, os homens que se perdem nas cogitações do nada.

Injusta porque, pelo médium Chico Xavier, que sob a égide de Emmanuel há enriquecido milhares de cérebros, nenhuma entidade envia do astral, idéia meramente concebida para incutir aos míseros habitantes da carcaça material, maravilhosa ficção, produto de torpesa e de malquerença.

Injusta porque, a exemplo da Direção da F. E. B., quando do recebimento da matéria da qual se comporia o volume de «*O Consolador*», no capítulo «almas gêmeas» houve suspeita, suspeita que se tornou realidade. O sr. Arnaldo S. Tiago, estudioso que é do Espiritismo, antes de exteriorisar a refutação deveria, o que ainda é tempo, escrever ao médium de Pedro Leopoldo solicitando de seu patrono espiritual, confirmação do capitulo em aprêço.

Injusta porque, descrendo das revelações que nos fazem André Luiz e outras Entidades encarregadas de nos evoluir, é descrer dos ensinamentos que, por intermédio de seus prepostos, Jesus ordenou.

Lembremo-nos de que o Mestre muito sofreu para beneficiar a Humanidade, fruto de seu sagrado labor na tarefa santificante que Deus lhe confiou, razão por que não permitirá seus tarefeiros ludibriem os humildes de coração.

Ribeirão Preto, 7-9-954. — *Manoel Alba.*

Personalismo e Individualismo

LOIOLA

Consta da história da formação do mundo que Deus fez o espírito humano destinado a evoluir por conta própria. Contam muitos estudiosos e pesquisadores da vida humana que o homem é o produto de suas íntimas e personalistas condições. Propala-se, com certa insistência, que o homem é portador de valores próprios inalienáveis. Proclamam de certo modo que a personalidade do homem é indivisivel.

A concepção da individualidade ou da personalidade, sua doutrina e seus defensores não está de forma alguma em acôrdo, em consonância com as excelsas lições proclamadas pelos ensinamentos de Jesus. E' o individualismo ou o personalismo, indiscutivelmente, filho do egoismo. Representa expressão elevada do ego humano. Não se pode, portanto, pretender destacar, nem um nem o outro, como sendo condição de engrandecimento do espírito ou de elevação da alma humana.

Não negamos, o espírito é indivisível. E' uno, mas, o espìrito no que nele se contém de fôrça, no em que reúne os elementos e as qualidades a êle imanentes e a êle outorgadas pela Divina Providência.

O espírito como fonte irradiadora de luz e saber, como farol que deve projetar as luzes emanadas do Amor Divino, não pode acolher, no íntimo da sua essência, qualquer sentimento inferior, ou qualidades que o destaque dos seus irmãos ou que o coloque em posição de superioridade.

E' o espìrito humano herdeiro dos dons divinos. E Deus que é uno, que é ùnico, irradia sem personalismos. Os dons divinos imanentes ao espírito humano, não podem se confundir com as meras questões de sentimento, de doutrina ou de pensamentos humanos.

Recordemos que muitas são as humanidades e que cada uma delas se encontra em diferente estado evolutivo, em plena conformidade com o mundo que habitam.

Podemos compreender o personalismo ou o individualismo, como transitórias cogitações do espirito em esfôrço de evolução e de compreensão, pois, quando êste atinge graus de elevação e de pureza, estas preocupações se desvanecem, deixam de existir.

E o espírito que é esta fôrça inteligente e criadora, conservar-se-á na plenitude de suas fôrças e de seus poderes, irradiando sentimentos de amor, cooperando na obra da criação divina, nos vários mundos a que estiver destinado a viver e a progredir.

O espírito humano é indivisivel, expressão muito distinta do individualismo e na sua condição de pureza êle é comparável às estrelas, aos sóis e aos astros que iluminam aos outros, que dão fôrça e vida, luz e progresso, tendo como objetivo único a Fôrça Criadora, o Bem, o Amor sem distinguir, o Amor sem fazer qualquer separação entre os seres e as coisas.

Por isso o homem deve preocuparse é com a aquisição permanente de valores morais, colocando-se acima das disputas, quer estas se manifestem neste ou naquele sentido. Por êstes fundamentos não devemos estimular o individualismo humano, porque a criatura ainda se encontra muito ligada às estreitas concepções das doutrinas materialistas, aos acanhados arraiais da filosofia, necessitando, sobretudo, de alimentar-se dos princípios da fraternidade universal.

Não poupai esforços no trabalho espiritual, tanto mais que chegou o tempo de ser pregada a Doutrina de Jesus até de cima dos telhados. Sêde firmes no desempenho da vossa tarefa, certos de que tendes a vosso lado o auxilio do Alto, que sempre vos será dado na hora exata. — CAIRBAR.

Exagêro Lamentável

NÃO raro nos interrogam se é verdade que os médiuns Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar são analfabetos, porque corre essa exagerada informação sôbre êsses grandes missionários.

Um analfabeto é um espírito primitivo, rudimentar, incapaz de exercer missões inteligentes e que só póde executar trabalhos materiais. Êsses dois grandes médiuns, ao contrário, são espíritos de grande elevação moral e intelectual, muito superiores ao comum dos homens, e por isto mesmo estão cumprindo missões grandiosas que vão transformando a mentalidade de um grande povo e, quando forem mundialmente estudadas, hão de transformar a mente de toda a Humanidade. Dizer que tais espíritos sejam analfabetos é um exagêro lamentável, desrespeitoso, absurdo.

A verdade é que êsses dois missionários não tiveram instrução literária nesta encarnação: só tiveram instrução primária; não cursaram escolas secundárias nem superiores; não aprenderam gramática, retórica, lógica, línguas, etc. Mas brilharam como alunos da escola primária e revelam na conversação e mesmo nas cartas que escrevem uma cultura inata admirável. Trouxeram um grande cabedal adquirido em múltiplas encarnações anteriores; não são espíritos broncos e primitivos; são sêres de uma elevação sublime que nos encantam e atraem desde o primeiro contacto.

Sua mediunidade fica sobejamente demonstrada pela variedade dos assuntos de que tratam nas formas mais adequadas, com os estilos mais diversos. Seus escritos não poderiam ser produzidos por nenhum genial universalista, porque ninguém teria cultura tão enciclopédica. São numerosos especialistas que escrevem e se caracterizam pelo saber que cada um revela. Não é um sábio que se manifesta, é uma Universidade inteira por intermédio de uma única mão. Encontramos o filósofo, o moralista, o teólogo, o biologista, o historiador, o romancista, o médico, os poetas, etc. expressando-se nessa literatura maravilhosa que não poderia ser produzida nem mesmo por uma centena de sábios, e nos chega pela mão de uma pessoa que não teve instrução superior nem secundária, mas apenas primária nesta encarnação.

Quem palestra e corresponde com êsses dois missionários, fica encantado com a sua elevação, com sua inteligência, sua bondade, sua energia moral. São a mais completa negação do ignorante e do mau, e a afirmação do sábio e do bom.

Sua vida trabalhosa, suas condições sociais, não lhes permitiram e não permitem adquirir instrução superior nesta encarnação, mas entre êles e um analfabeto vai um abismo. Podemos supor que a instrução superior materialista das Universidades criasse obstáculos ao cumprimento da missão, dando-lhes vaidade, orgulho, preconceitos, limitações de diversas naturezas.

A História não registra que Jesus de Nazaret houvesse cursado escola nem primária, mas seria um absurdo dizer que Êle foi um analfabeto, porque seus discursos revelam a máxima sabedoria que os homens já ouviram. Seus primeiros discípulos igualmente não tiveram instrução literária, mas alguns deles nos deixaram páginas imortais. Ninguém pensaria em dizer que aqueles pescadores eram analfabetos. Todos reconhecemos que eram grandes Espíritos em sublime missão a favor da Humanidade.

As pessoas que dão título de analfabeto a Francisco Cândido Xavier e Dolores Bacelar, por vezes agem de boa fé, tentando pela hipérbole abrilhantar-lhes a missão; mas apesar de boa fé mentem e injuriam.

A propaganda espírita não precisa nem deve admitir o exagero, porque a realidade só já é muito sublime. Está sendo produzida em nossos dias a mais grandiosa literatura de que a Humanidade já teve conhecimento. Diante dos livros que estão sendo recebidos e publicados hoje desaparece, apagada, a literatura dos milênios passados.

Livros célebres há séculos e milê-

nios tornam-se inexpressivas banalidades diante das obras que estão aparecendo agora. Todo o passado está-se esboroando diante do futuro que se está elaborando.

Se as grandes descobertas da ciência e da mecânica fizeram mais nestes cem anos mais recentes do que nos milênios passados, a obra presente da Terceira Revelação igualmente representa mais para o progresso humano do que o trabalho de muitos milênios.

Não precisamos nem devemos macular com exagêros a bela realidade.

I. G. B.

PAULO HARENG

O HOMEM QUE TINHA EXCESSO DE FLUIDO

De «Estudos Psíquicos»

NO mês de Outubro do ano findo, Paul Hareng comparecia no Tribunal de Orleãs, da vizinha França. Tinha que responder, acusado de exercício ilegal da Medicina. Foi o que se chama uma causa popular. Se fosse possível, centenas e centenas de testemunhas iriam depor a favor do réu. Tiveram que limitar-se a umas dezenas, mas o número foi suficiente. Todos, sem exceção, se colocaram ao lado de Paul Hareng, com o testemunho de suas curas, em muitos casos milagrosas, visto tratar-se de pessoas desenganadas por aquela Medicina que agora se voltava contra o curador.

O Tribunal, ante a série de justificações apresentadas a favor do acusado, não obstante o reconhecimento do «delito», viu-se obrigado a confessar que a sua ação não era charlatanesca nem prejudicava os enfêrmos. E condenou-o a uma pequena multa, reconhecendo-lhe as circunstâncias atenuantes, pelo que ficou isento de custas e selos. Paul Hareng saiu triunfante da prova e talvez com maior prestígio do que antes de se ver acusado pelos tribunais.

O Senhor S. Paulo

Se o leitor ou leitora passaram um dia por Jargeau — aldeia do Loire, perto de Orleãs — compreenderão facilmente a extrema popularidade de Paul Hareng. Terão visto como em cincoenta quilómetros de redondeza as estradas estão cheias de chapas indicativas da aldeia onde vive. Terão visto como dez autocarros semanais partem de Brunoy, Montmirall, Montreau, Paris, Coulmmiers, Brou, Cosne e Ferté-Saint-Aubin e chegam a Jargeau repletos de clientes de Paul Hareng. Terão podido comprovar como a porcelana de Gien se transforma em jarras, cinzeiros, pratos, etc., para reproduzir neles a figura de Paul Hareng, volumosa como a de um Buda, iluminada por franco sorriso. E ter-lhes-ão oferecido fotografias em bilhete postal e terão ouvido que a gente já não lhe chama Paulo, mas *senhor S. Paulo*...

E se pararem na aldeia ouvirão narrar as maravilhosas curas dêste homem que há pouco era simples mestre de obras em Jargeau, onde ganhava honradamente a sua vida...

O Pedreiro que descobria mananciais

Anos atrás, Paul Hareng era homem que os lavradores de Jargeau costumavam chamar para construir uma nova casa, um palheiro ou um estábulo onde fosse preciso utilizar o cimento, o ladrilho e a telha. Êle tinha fama de bom mestre de obras, pois as casas que ali edificou estão direitas, como se fossem construidas ontem.

E' verdade que a sua bisavó paterna havia conseguido alguns êxitos como curandeira. E' verdade que êle próprio notava em si a existência de algum fluído. Mas não é menos verdade que Hareng não acreditava nessas balelas e truques de magia, preferindo ater-se à realidade do seu trabalho tão retilínio como a prumada que utilizava para encontrar a vertical de uma casa. Com isso ganhava o sustento e com isso vivia tranquilo e feliz. A's vezes e sempre a pedido dos seus convizinhos, usava aquêle fluído. Com uma vara na mão acudia a descobrir ignorados mananciais com que êle obtinha

algumas quantias a somar ao que ganhava na sua profissão de pedreiro.

Dêste modo, Paul era feliz. Jogava a sua partida no casino, e ali se entretinha. Mas um dia...

A Doença do Mestre de Obras

Um dia Paul Hareng sentiu-se doente. Consultou um médico e depois outro... Aplicaram-lhe vários tratamentos... Mas êle não se sentia bem. Não melhorava. Desalentado, uma tarde, a conselho de amigos, tirou bilhete para Fleury les-Aubais e consultou o Doutor Menzel, diretor do Hospital de Psiquiatria da localidade. O Doutor Menzel observou-o rigorosamente. Depois encarou o enfêrmo e disse-lhe:

— Pouco poderei fazer por ti. A Medicina, neste caso, não tem remédio para o teu mal. Só um conselho. Tens demasiado fluído e necessitas de gastá-lo. Se o conseguires, melhorarás.

Com as suas palavras, o Doutor Menzel acabava de fazer um homem competente: lançava ao mundo o curandeiro Paul Hareng.

O Caminho da Fama e da Riqueza

Paul Hareng pensou na sua bisavó paterna, enquanto regressava a Jargeau. Seria verdade que determinadas pessoas têm poder de curar os semelhantes, valendo-se de dons naturais? O médico não lhe dissera tanto, embora lhe mostrasse a possibilidade de curar a sua enfermidade, gastando o fluído que lhe sobrava. Era preciso experimentar. Com isso, nada perderia. E experimentou, vamos lá, sem muita convicção. Primeiro foram alguns amigos, achacados de várias doenças, os que se curaram, ante a surprêsa de Paul. Depois, outras pessoas vieram, dispostas a tentar a sorte. Estas trouxeram outras e assim se expandiu a fama de Paul Hareng, que, ao terminar a Guerra Mundial, tinha a reputação feita e que êle não havia buscado. Chegaram a Jargeau novos clientes, entre êles, altos funcionários da região, que também conseguiram curar-se, contribuindo para a difusão de sua fama, que a breve trecho encheu toda a França. Aquilo excedia os limites do previsto. Paul só queria gastar o seu fluído, mas à porta da sua casa havia cada vez mais pessoas em demanda da influência benéfica dêste estranho personagem. Paul tinha que tomar decisão imediata, pois que, com suas curas, só lhe ficava tempo para os trabalhos de mestre de obras. E tomou-a. Deixou a prumada, deixou a trolha, deixou o cimento e o ladrilho e dedicou-se inteiramente aos clientes que lhe caíam do céu. E teve que ampliar o novo e florescente negócio. A casa era pequena para albergar as pessoas que vinham submeter-se ao contacto de suas mãos e foi obrigado a construir um pavilhão com salas de espera e arranjar pessoal para atender. Hoje, Paul Hareng encontra-se à frente de uma verdadeira emprêsa de curas por magnetismo e imposição de mãos. Começa a trabalhar às quatro da manhã e termina ás nove da noite.

«Eu sou um Cão Selvagem»

Mas Paul Hareng não endoideceu ao ter que abrir as portas a êsse novo manancial—um manancial de ouro — que inesperadamente descobriu na sua vida. Sabe até onde pode chegar e nunca ultrapassa os seus limites. A qualquer coisa que lhe digam, saltará:—Eu não faço milagres! Não sou o Todo Poderoso. Um médico é um cão sábio que conhece o que lhe ensinaram; eu sou um cão selvagem, um animal natural. Nunca curei o cancro e livrei-me muito bem de o tentar. Fazê-lo, mesmo quando se apresente na sua forma mais benígna — uma verruga — é correr o risco de torná-la perigoso, despertando-o com um choque de nervos. Se o descubro, o canceroso sai da minha consulta sabendo o caminho que percorre. Digo-lho com o maior cuidado e afirmo que nada posso fazer por êle. Tenho um dom e não uma ciência. Por isso mesmo, não há motivos para me relacionar com outros curandeiros. Seria o mesmo que se mandasse o meu cão a ver outro, para que aprendesse a localizar uma casa.

Não. Paul Hareng não endoideceu. Suas relações com os médicos são excelentes. Na sua sala de espera há um quadro com a seguinte advertência: «Consulte o médico antes de vir aquí». Alguns têm-no procurado em casos delicados e são mesmo seus clientes. Outros mandam-lhe doentes. Paul Hareng manda-lhes também os seus. Se descobre necessidade de operação urgente, aconselha o enfêrmo a procurar um cirurgião...

Nem Ritos, nem Drogas, nada de espetacular

Paul Hareng cobra 5.000 francos pela primeira consulta e 300 pelas seguintes. Sem necessidade de saber muitas matemáticas, podem-se-lhe fazer as contas. Vê diariamente mais de trezentos doentes. Assim é desde que terminou a guerra. E' certo que a muitos não leva dinheiro, mas não é difícil calcular que o antigo mestre de obras obtenha à volta de dois milhões e meio de pesetas cada ano com essa necessidade imperiosa de gastar o seu fluído magnético.

Se o leitor o visitar, verá que nele tudo é natural. Nem ritos misteriosos, nem palavras raras, nem drogas disparatadas, nem coisas espetaculares. Passa à sala onde se misturam sexos, idades e classes sociais e ali espera que Paul Hareng o chame. Não tardará muito porque é rápido na consulta. Calcule dois minutos por cliente. Quando chegar a sua vez entrará na sala de consulta. Paul recebê-lo-á sorridente, agradável e voluminoso. Note-se-lhe imediatamente que o conselho do doutor Menzel lhe fez bem à saude. Paul tratá-lo á por tu, desde o primeiro instante. Se voltar ali um ano depois, êle reconhecê-lo-á sem esfôrço. Ninguém lhe escapa à memória.

— Anda cá, bela ruiva — dirá êle, se for uma senhora madura, de cabelos grisalhos. Em seguida olhará profundamente, através das grossas pálpebras, pegará na varinha, estabelecerá contacto e nada perguntará antes de ter formado opinião.

— O médico prescreveu-te tratamento...

— Sim.

— Tens um fibroma. Já to disse?

— Já.

— Mas não é maior que uma laranja. Fá-lo-ei desaparecer em três semanas.

Depois tomará o seu pêndulo, se achar necessário, fará uns passes com as mãos e indicar-lhe-á o dia da nova consulta. Isto é tudo.

Centenas de Curas

Afinal, Paul Hareng chegará a curar?... Pergunte-o aos seus companheiros de sala de espera e responderão, contando mil casos em que as mãos dele conseguiram o que a Medicina não havia conseguido. Dir-lhe-ão como curou uma menina que, devido a um choque violento, ficara surda-muda. Para devolver-lhe o uso daqueles sentidos, os médicos tinham receitado um contra-choque não menos violento. Paul Hareng prodigalizou-lhe os seus passes magnéticos durante seis mêses e a doente recuperou a fala e o ouvido. Contar-lhe-ão também o caso da criança atacada de paralisia infantil. A medicina decidira uma rápida intervenção cirúrgica. Dois dias depois levaram-na a Paul Hareng.

— Deixem-ma dois dias. Se, passado êste tempo, nada conseguirmos, podem operá-la.

Aos dois dias indicados a criança andava. E assim centenas e centenas. Se você não tiver pressa, tomará conhecimento de mais casos. O último é o de uma cega de nascença que foi operada três vezes sem resultado. Após alguns mêses de passes e contactos, a ceguinha começou a distinguir os objetos.

Charlatão? Benfeitor da humanidade? Os habitantes de Jargeau não lhe admitiriam o primeiro qualificativo...

(Do semanário madrileno «7 Fechas», de 22-2-1952).

(I. D. S. traduziu).

De acordo com os seus conhecimentos e as suas possibilidades, todos podem trabalhar pela difusão da Doutrina, assim como todos podem pôr em prática os preceitos de amor fraterno de Jesus. Desde o homem do campo aos mais altos dignatários das nações, todos são dignos da recompensa de Deus, uma vez que cumpram fielmente os seus deveres cristãos com a melhor boa ventade e sinceridade. E ficai certos de que a recompensa de Deus vos é dada por intermédio dos Bons Espíritos em qualquer parte em que vos encontrardes. — CAIRBAR

A Unificação virá de S. Paulo

Leopoldo Machado

Êste artigo foi elaborado, a pedido, para o periódico, UNIFICAÇÃO. O Conselho de redação do jornal, entretanto, julgou-o, «por excesso de escrupulos, que o não devia publicar, pelas referências elogiosas a homens e coisas». Mantendo, entretanto, o autor quanto nele se contém e em função de seu temperamento, resolveu publicá-lo em outro periódico. Por isso é que sai aqui.

Carlos Jordão da Silva escreve-nos, pedindo colaboração para o jornal UNIFICAÇÃO, que a USE de S. Paulo mantém.

Pedindo?

Devia ser exigindo.

Ele tem crédito e autoridade para exigir tudo de nós.

Na CARAVANA DA FRATERNIDADE, que nos levou até o extremo Norte, exatamente a serviço da unificação, tivemos, para gáudio nosso, de apertar mais amigavelmente as mãos, de entrelaçar mais irmãmente os corações, de estreitar mais fortemente a amizade.

E pede-nos, salientando que está «conscio de nosso espírito de constante e leal cooperação no movimento cooperador da familia espírita brasileira».

Parece-nos que 40 dias de convivio diário e exaustivo labor a programas diurnos e noturnos, dá-lhe autoridade para julgar assim o velho companheiro de peregrinação, fazendo-lhe a justiça devida.

Tanto mais o Sul ainda não tomando o conhecimento devido do que teria sido a primeira caravana de unificação que já se fez no Brasil e no mundo.

Vai toma-lo brevemente, assim esteja pronto o nosso CARAVANA DA FRATERNIDADE.

* * *

Pouco temos feito, diante do muito que poderiamos fazer, a prol da unificação do Espiritismo e de melhor entendimento entre espiritas.

Mas, êsse pouco que temos feito não nos envergonha.

Até nos desvanece, porque êsse pouco está dentro do nosso propósito de colocar a Doutrina sempre acima das instituições, as instituições acima dos homens e êstes, quando sentem, e pensam, e agem melhor de que nós, acima de nossos pontos-de-vista.

Parece-nos que, procedendo assim e com a autoridade que o Carlos Jordão reconhece em nós, temos algum direito de algo dizer sôbre o momentoso assunto.

Direito e autoridade que até os Espíritos reconhecem, pois foram êles que nos arrastaram à sessão de que saiu o *Pacto Áureo*, da qual não haviamos tido conhecimento, para a qual não tivemos convite...

* * *

Mantemos, ainda, os mesmos pontos-de-vista apresentados ao *Congresso Brasileiro de Unificação Espírita*, realizado, sob a influência da USE, em S. Paulo, em 1948. Pontos-de-vista insertos no volume, ANAIS, daquele Congresso, publicado posteriormente

Tarefa na verdade, difícil.

Mas, não impossível. Menos difícil, certamente, do que o conubio que se quer fazer atualmente, da Umbanda com o Espiritismo.

As dificuldades da gloriosa tarefa serão, naturalmente, dominadas pelos pioneiros que estão agitando o movimento. Principalmente, em S. Paulo, pois, diz-nos a consciência, a observação dos fatos e a intuição das coisas, que é de S. Paulo que virá a unificação.

Pregar a unificação em jornal — e até jornal concebido para tanto! — é obra grandiosa. Discuti-la em congressos de unificação — e, merce de Deus, tomamos parte em quase todos que se realizaram para tanto, recebendo, até, de ilustre confrade o irônico e glorioso vulgo de Homem de Congressos! — é tarefa das mais simpáticas e eficientes! Dirigi-la em conselho federativo é dar

excelente demonstração de alto interêsse pela unificação...

Mas, em se tratando de imperativos maiores, por que imperativos da hora que passa, seus pioneiros de maior responsabilidade devem fazer mais. Deveria deslocar-se de seus pagos em visita a seus irmãos de outras terras e outros climas, a exemplo do que fizeram os caravaneiros da fraternidade...

Fizeram, é fato, uma obra de superfície.

Por assim compreendermos e assim sentirmos, teriamos visitado, no ano seguinte, se não adoecessemos gravemente, os Estados de Goiás e Mato Grosso, fechando assim nosso ciclo maior de excursões; teriamos voltado aos Estados do Norte, para a consolidação do que fizeramos, na companhia inestimavel do Carlos Jordão e do Francisco Spinelli..

Mas, viajar é tão difícil.

Nem toda gente — nós inclusive — gosta de viajar.

Tudo é dificil, e até se torna impossivel, quando não há uma vontade firme de servir, de combater o bom combate.

A influência e a sugestão que caravanas espiritas de um lado levam a outros climas e a outras terras, é coisa extraordinária, de um efeito e resultado surpreendentes.

Nada, crêde-me, substitue êsse trabalho.

Afirmamos com a credencial de quem já visitou todos os Estados do Brasil, menos um, de quem já percorreu duzentas cidades...

* * *

— Viajar, não!

E' muito dificil, sinão impossível — dirão muitos.

Então, cartas autorizadas, mensagens diretas, a homens e instituições.

As cartas realizam, ás vezes, milagres extraordinários.

Mas, os espiritas não gostam de escrever; não têm tempo a perder com cartas e mensagens. Não tem organização que supram suficientemente, as duas faltas.

Ou lhes falta organização e tempo para as duas coisas...

* * *

Contudo, a unificação está se fazendo.

E far-se-á, saindo coisa bem diferente da unidade católica e protestante, porque não é, propriamente, obra de espíritas, mas dos Espiritos, que vêem mais de cima, por dentro e por fóra, através do véu da carne.

Por isso que êles, os Espíritos de luz, dão de mão a teorias e propósitos, lançando mão dos mais capazes para a obra que se precisa realizar.

Foi assim que fizeram conosco, relativo à sessão, de que saiu o Acordão, realizada na *Federação Espírita Brasileira* a 5 de Outubro de 1949.

Nada sabiamos de sua realização. Entretanto, comparecemos a ela, exatamente à hora. E fomos inspirados para mudar até o nome de Acordo para Pacto Áureo. E pusemos-nos, até à frente da *Caravana da Fraternidade*, viajando até Manaus...

Paulo de Tarso foi também combatido e negado pelos outros apóstolos, pois não pertencera ao apostolado dos outros discípulos do Cristo. Negaram-lhe autoridade, pelo fato de haver movido a primeira perseguição aos cristãos. Entretanto, ninguém fez mais pelo Cristianismo nascente. Deve-se-lhe, entretanto, a fundação da verdadeira igreja do Cristo.

* * *

Dissemos, numa fala do *Congresso Brasileiro de Unificação Espirita* que de S. Paulo partiria a unificação para o resto da Brasil.

Teriamos sido profeta?

Porque o dissemos?

O grande Estado tem o nome do maior apóstolo do Cristianismo.

De S. Paulo partiram as bandeiras que descobriram e colonizaram o interior do Brasil.

O grito de «Independencia ou Morte» partiu de S. Paulo e ecoou pela Pátria inteira.

O café, «o sangue negro da Nação», derrama-se de S. Paulo para o Brasil e para o mundo.

No campo industrial, S. Paulo afigurou-se a Artur Neiva «uma locomotiva a puxar 20 vagões vasios» compondo a composição do Brasil e seus Estados.

Em S. Paulo realizou-se o primeiro congresso brasileiro de unificação es-

pírita. E é aí onde mais se tem trabalhado pela unidade do Espiritismo entre nós. A USE é um exemplo que deve ser imitado e seguido. Já lhe vão nas águas bonançosas o Paraná e o Rio Grande do Sul...

Recebemos a unificação espírita que vem de S. Paulo, feita mais obra de espíritos do que de espíritas.

Que os espíritas de boa vontade não criem mais dificuldades à inspiração e a obra que lhes vem dos Espíritos!

Crônica Estrangeira

Médiuns Célebres — Indrid Indridason

De «Revista de Metapsicologia»

Êste joven islandês, operário tipógrafo, que coisa nenhuma sabia de espiritismo, aceitou fazer parte de um grupo espírita... unicamente para se divertir. A princípio troçava dessa «coisa idiota» a que chamavam espiritismo, mas acabou por se revelar um médium de alta categoria, pois produziu coisas maravilhosas.

Os primeiros fenômenos produzidos foram de escrita automática — conselhos acêrca da organização de sessões experimentais — ditados por um espírito que os experimentadores tinham conhecido na vida terrestre.

A' escrita automática sucederam fatos de encarnação, de levitação, de aparições luminosas: mesas pesadas, objetos diversos, retidos no chão pelo esfôrço dos assistentes, ergueram-se. O próprio médium foi *levitado* sem contacto até ao teto. Numa das sessões o sofá em que Indrid estava estendido foi erguido e transportado por toda a sala sem contacto visível.

Os guias sucediam-se: o segundo foi um espírito que declarou ter sido professor da Univerdade de Copenhague: Jensen. Ora, Indrid desconhecia a língua dinamarquesa e, no entanto, falava-a!

Convém lembrar que entre o dinamarquês e o islandês há mais diferença que entre o dinamarquês e o alemão. Não só Indrid falava a língua dinamarquesa que êle ignorava — o que é um caso de glossolália notável — não só êle se exprimia numa espécie de dialéto próprio de Copenhague, mas ainda duplicou êste fato com uma vidência que faz lembrar, pela sua qualidade, a de Swedenborg, em Goteborg. Jensen, o espírito comunicante, encorporado no médium, descreveu o incêndio que devorava a fábrica de lâmpadas da rua Royale, em Copenhague, nessa mesma noite de 24 de Novembro de 1903.

Como o telégrafo nesse tempo não existia na Islândia, foi só nas proximidades do Natal, pelos tripulantes de um barco entrado em Rejkjavick, que se verificou que a vidência fôra exata em todos os pormenores: data, lugar, natureza do sinistro, etc.

Não foram sómente islandeses desencarnados que se manifestaram e identificaram; vários desencarnados estrangeiros incorporados no médium, que só falava islandês, se exprimiram nas suas respectivas línguas: um médico *norueguês*, um cantor *norueguês*, um médico *inglês*, um médico *holandês*, um oficial *alemão*, uma *francêsa*, cantora de ópera, etc.

Durante cinco anos, uma ou duas vezes por semana, de Setembro a Junho, ás experiências com Indrid continuaram com o mesmo êxito.

Fenômenos de materialização produziram-se muitas vezes com o médium simultâneamente visível e com a possibilidade de os experimentadores medirem e apalparem as formas. Essas materializações, repetidas vezes foram acompanhadas de fenômenos de desmaterialização.

Exatamente como sucedeu com a célebre médium d'Esperance, bastas vezes o braço esquerdo de Indrid se desmaterializou. Uma comissão de inquérito e investigação foi especialmente incumbida de controlar a desmaterialização total do braço esquerdo do médium. Sob palavra de honra, os sete membros da Comissão afirmaram a exatidão do fato e redigiram uma ata que assinaram.

Em uma sessão a que assistiram 40 experimentadores, os «guias» convidaram-nos a designar uma Comissão de três pessoas absolutamente estranhas à sociedade afim de observarem as experiências de materialização. A escolha recaiu no Bispo de Rejkjavick — que não alegou que Igreja o proibia de tratar com o diabo... — o *maire* e o Consul britânico. Os três inquiridores esforçaram-se por descobrir o truque ou a fraude, mas em vão. E terminada a missão que lhes fôra confiada, tiveram que se inclinar perante a autenticidade dos fatos. O Bispo teria até dito ao experimentador Heraldur Nielsson: «Só agora me é possível compreender uma multidão de coisas do Novo Testamento!»

A mediunidade progressiva de Indrid conseguiu obter a *voz direta* de um eclesiástico islandês, um cantor norueguês e uma cantora francêsa.

Dentre os «apports» mais espantosos obtidos por Indrid, cita-se o de uma redoma com aves em alcool, transportada da casa de um médico para a sala das sessões.

Em 1909 Indrid Indridason adoeceu com um tifo. Enfraqueceu tanto que teve de ser recolhido num sanatório. Em 1912 morreu de tuberculose pulmonar.

Uma defunta narra as suas impressões do Além

De «Estudos Psíquicos»

PARIS, Março — Experiências científicas, metódicamente conduzidas há quinze anos e cujo alcance considerável não escapou a recente congresso médico americano, lançaram luz inteiramente nova sôbre o problema da morte e do além.

Não se trata, é claro, de revelações que tenham qualquer relação com assuntos de caráter metafísico ou religioso. O Dr. S. J. Haicox, o americano que apresentou o fruto de suas longas observações, restringiu-se rigorosamente aos domínios da medicina e da psicologia.

Para controlar a série de investigações em torno do outro mundo e que pôs em prática por meio do aparelho reanimador do coração que êle próprio inventou, o Dr. Haycox procurava há muito tempo um paciente de experiência tão extensa quanto possível.

Em dias recentes, um colega veio falar-lhe sôbre uma enferma que havia muito se encontrava em estado de morte aparente, em misteriosa letargia. Chamava-se Ann Belt.

Ao lado dessa doente, o Dr. Haycox não encontrou, a princípio, senão mutismo total. Só após prolongada espera conseguiu obter que ela entrasse num estado de semi-consciência, que parecia muito doloroso.

— Fala — disse êle. — E' preciso que fales. Ann Belt... Tu lembras-te...

Enfim, obedecendo às sugestões imperiosas do médico, a morta aparente respondeu:

— Havia luz, cores, sons. Depois tudo era negro, negro, negro...

— E então?

— Sim, é preciso que eu continue a falar. Quando estava morta procurei uma mulher que ia pôr uma criança no mundo. E para essa criança se transferiu o meu ser imaterial, o meu espírito. Tornei-me homem, soldado. Minha morte foi muito penosa, fui abatida por um tiro, onde, já não sei mais — nalgum porto de mar. Fazia calor, muito calor. Depois de minha morte...

— Sim?

— Tornei-me criança de nôvo... Como é estranho! Revivi tudo, da morte ao nascimento. E recomecei. Estive na terra sete vidas, sete vezes...

Ann Belt volta a silenciar. O Dr. Haycox exorta-a com mais insistência:

— E antes dessas sete vidas? Recorda!

— Antes, antes, não me lembro mais.

Esse primeiro encontro com um ser humano retornado do além ocorreu em Maio de 1937. Duvida-se de que êle tenha sido muito interessante, porque o Dr. Haycox, que é a um tempo médico e psicólogo, deixou escapar oportunidades semelhantes. Lembrou-se, no entanto, de propor à clientela o prolongamento da vida dos agonizantes, após o falecimento, ressuscitando-os por alguns dias por meio do seu aparelho. E cada uma dessas intervenções de caráter excepcional rendia-lhe mil dolares...

Eis um fato extremamente curioso: nos numerosos arquivos que as ressurreições lhe permitiram organizar, vê-se

que quase todos os seres humanos assim reconduzidos à vida atestavam que tinham visitado um país maravilhoso, de luzes arrebatadoras e de sinfonias mais melodiosas que as que ouvimos no curso da existência terrena.

Nos meios clínicos dos Estados Unidos, mais particularmente entre os cardiologistas e psiquiatras, não houve ainda nenhum pronunciamento definitivo sôbre essas sensacionais verificações, que suscitaram grande interesse. Há demasiado número de fatores que intervêm ao mesmo tempo.

Diversos especialistas calculam que, em princípio, as impressões luminosas e musicais podem ser atribuidas a disturbios da circulação ou a carência de oxigênio no cérebro. Comparam essas impressões às que se verificam com os doentes sujeitos a desmaios e com as pessoas perigosamente dadas ao uso de narcóticos. Mas, na realidade, êles próprios o reconhecem, dessas comparações não se pode extrair argumento científico e determinar uma relação bioquímica certa de causa e efeito.

Como quer que seja, está provado que, à margem do nosso mundo real, existe um outro mundo, perceptível aos espíritos e comparável talvez aos espaços resultantes da especulação matemática, aos quais, de resto, êle se mostra superior, pelo menos pelo seu aspecto deslumbrante.

EUROPRESS.

⁂

Uma anedota de Lord Byron

De «Two Worlds»

Falando de pessoas que conheceram homens célebres, recordo-me duma que fôra amigo pessoal de Lord Byron. Contou-me uma história curiosa.

Encontrava-se na Grécia com Byron e viajavam juntos em Missolonghi, quando se desencadeou uma chuva torrencial. Abrigaram-se numa pequena estalagem onde chegaram encharcados.

Depois subiram ao quarto que lhes foi destinado, afim de se enxugarem. Byron deitou-se e disse:

— Acreditas em bruxas e adivinhos?

— Porquê — inquiriu o amigo.

— Bem sabes que sou quasi escocês. Passei a meninice em Aberdeen e quando era garoto um cigano leu-me a sina e disse que na minha vida se passariam importantes acontecimentos aos 10, 28 e 36 anos. Aos 10, fui Lord pela morte de meu segundo tio; aos 26 casei-me; e agora, aproxima-se o terceiro acontecimento. Que será?

O meu amigo disse a Byron:

— São tolices.

— Não, respondeu Byron. Tu não acreditas em bruxas e adivinhos...

Dez dias depois, Lord Byron falecia.

⁂

Madame Fraya, médium de Reis e Príncipes

Por Warrigton Dawson

Jean Jaurés, famoso *leader* socialista francês do princípio dêste século, foi avisado por um médium de que morreria de morte violenta.

Ao que Jaurés, que também era médium, respondeu:

— E será na véspera duma declaração de guerra.

Realmente assim aconteceu. Foi assassinado na véspera da guerra de 1914, que êle sempre tentou evitar.

O médium que fez esta profecia há 44 anos acaba de passar ao mundo dos espíritos. Era a célebre vidente francesa Madame Fraya. A sua verdadeira idade era um mistério. Depois de passar os 80, costumava dizer:

— A idade não interessa. Para mim deixou de existir.

Quando o governo francês se preparava para deixar Paris em Agosto de 1914, Madame Fraya recusou partir, dizendo a Clemenceau e a Aristides Briand:

— Os alemães não entram em Paris.

Em Março do mesmo ano, profetizou à raínha Sofia, irmã do Kaiser, que êle cairia e ambos seriam rodeados de milhares de mortos. Disse também à raínha que o Kaiser não entraria em Paris. A verdade dessas profecias é hoje um fato histórico.

Entre as pessoas famosas que frequentemente buscavam a sua opinião contam-se o ex-rei Afonso de Espanha, a raínha Amélia de Portugal, a raínha Maria da Romênia, a neta da raínha Victória, e

rei Alexandre da Jugoslávia, os grão-duques Nicolau e Alexandre, da Rússia, Edmundo Rostand, autor do «Cirano de Bergerac» e de o «Aiglon», Anatole France, Pierre Loti, e, praticamente, todos os imortais da Academia Francesa.

O Dr. Léon Binet, decano da Faculdade de Medicina de Paris, que está fazendo experiências de influência magnética a distância, claramente metafísicas, em oposição à atitude materialista da maioria dos médicos, sabedor das faculdades de Madame Fraya, pediu-lhe que se sujeitasse a algumas experiências.

Sem lhe dizer nada, levou-a a diferentes escolas onde lhe pediu que examinasse as mãos de algumas crianças escondidas atrás duma cortina. Em todas ela fez a análise correta do caráter e aptidão das crianças.

Ler na palma da mão é simplesmente um meio de que Madame Fraya se servia para estabelecer o contacto com as pessoas, mas a sua faculdade era verdadeiramente psíquica. Ela costumava dizer:

— Cada um dos meus clientes, traz-me o seu estado de alma e as suas radiações pessoais e eu sinto logo as perturbações. E quando alguém está para morrer de morte violenta é uma verdadeira angústia que se apodera de mim.

Entre as suas profecias mais singulares conta-se a de um rapaz chamado Henri Gans, mobilizado com as primeiras tropas enviadas contra o exército alemão. A poetisa Ana de Noailles consultou Madame Fraya sôbre o seu paradeiro e a resposta foi: «Vejo-o ferido numa perna e a perder tanto sangue, que morrerá».

Gans fez a guerra toda sem uma beliscadura e toda a gente pensou que Madame Fraya tinha falhado. Porém, dez anos depois, Gans foi ferido numa coxa por um desajeitado atirador durante uma caçada e morreu da hemorragia.

Educada para pianista de concerto, chegou a obter um êxito considerável; mas aos dezenove anos casou com um professor de filosofia e veio para Paris, onde os amigos tiveram conhecimento das suas faculdades psíquicas. No entanto, a pioneira do feminismo francês, Madame Severine, é que a fez acertar com a verdadeira vocação, induzindo-a a ler a sina nas mãos, numa festa de caridade. Todos os janotas de ambos os sexos lhe estenderam a mão para se divertirem e ficaram espantados com o que lhes disse.

Nos últimos anos da sua vida, Madame Fraya esteve de cama entrevada pelo artritismo, mas o seu espírito continuava brilhante e a receber impressões psíquicas, embora em menor extensão.

Dizia que as melhores horas para receber eram das 2 às 9 da manhã e sobretudo quando estava em jejum.

Pode-se dizer sem receio de desmentido que Madame Fraya foi a melhor continuadora da célebre clarividente Madame de Hebes, afilhada e protegida de Alexandre Dumas Filho, o grande escritor a quem ela ficou devendo a sua carreira de médium extraordinário.

De «Estudos Psíquicos».

ESPIRITISMO NO BRASIL

Programa Radiofônico Evangélico do Brasil

Conforme noticiamos, no dia 7 de Setembro último foi inaugurada a Rádio Progresso de S. Paulo, que é a reviviscencia da antiga Rádio Piratininga. Foram 12 anos de lutas amargas e dolorosas, mas graças a Deus, o Alto mais uma vez colocou nas mãos dos espíritas, o veículo precioso para a divulgação de sua Doutrina Redentora.

Portanto, é hora dos espíritas se unirem como um só homem em torno da Rádio Progresso e divulgar em espírito e vida o Evangelho do Meigo Jesus.

O Programa Radiofônico Evangélico do Brasil, que volta ao ar através da Rádio Progresso de São Paulo, é irradiado das 20 ás 21 horas nos dias úteis, e nos domingos e feriados, das 19,30 ás 21 horas, onda tropical ou media, 4.775 kilociclos, 62 metros, ponto 83.

Está em organização o quadro de Delegados da União Federativa Espírita Paulista em todas as cidades do Estado de S. Paulo para serem colhidas notícias

espíritas de toda parte afim de serem incluidas no Programa Espírita. Êsses Delegados têm também a missão de angariar sócios mantenedores de referido Programa Radiofônico.

«Verdade em Rimas»

Com êste título, o nosso prezado confrade Benedito de Paula Bueno, jornalista, residente em Bauru, nos ofertou um livro de versos de sua autoria.

Apesar de não ser poeta, conforme êle mesmo afirma, os seus versos tem tudo quanto a arte poética exige, com a vantagem de dizer muitas verdades que ninguém pode negar. Alguns versos se referem ao Brasil e as suas coisas, outros à natureza, ao sentimento, à vida, etc.

«Verdades em Rimas» é um trabalho que satisfaz plenamente aos amigos da boa literatura. Contém 57 páginas bem impressas em ótimo papel.

Gratos pela oferta.

A serviço da Propaganda

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Onofre Batista:

«Na minha última excursão, visitei as seguintes cidades do Estado de Minas:

Boa Esperança: E' a primeira vez que tive a felicidade de visitar esta cidade mineira e um punhado de confrades, abnegados trabalhadores da seára cristã. O confrade prof. Roberto Coimbra e sua exma. esposa não podiam fazer mais do que estão fazendo no campo espírita. Disseram-me que eu não podia sair de Minas antes de conhecer Boa Esperança e o trabalho dos confrades, entre os quais a prof. D. Eulalia Neto Faria, esposa do Prefeito Municipal, ambos muito esforçados. O confrade Clodoveo Machado presidente do Centro Espírita «Amigos na Dor» e os demais companheiros são de fato amigos da dor, pois estão empenhados em enxugar lágrimas e confortar corações, e o que fala mais alto do que as minhas palavras são os fatos. Senão vejamos: Ha 4 anos que mantém a «Sopa dos Pobres» no referido Centro, atendendo entre 70 a 80 pessoas: mantém uma escola municipal, curso primário, Jardim de Infancia com 130 crianças, tendo 50 matriculadas no Colégio; mantém farmácia homeopática bem sortida, Bibliotéca, Parque Infantil, Aula de Corte e Costura para moças pobres. Fiquei alegre em ver isso tudo. E D. Eulalia disse-me que nada fizeram, pedindo-me para que não desse notícia disso, mas é preciso noticiar as boas obras para que sirvam de exemplo aos que se propuserem a trabalhar na seára espírita. Brevemente voltarei a essa cidade, que é de fato cheia de boas esperanças no terreno espiritual, pois um dia só de convivência é muito pouco.

Lavras: Falei no Centro Espírita de Lavras, que é dirigido pelo confrade Irací de Oliveira. Este confrade saiu do Protestantismo ha dois anos e já é o presidente de referido Centro. Falei também no Centro Espírita «Allan Kardec», de que é presidente o confrade Ozorio Sebastião. Todos os elementos são esforçados no trabalho da seára.

Perdões: Visitei os confrades desta cidade. Fiquei empenhado numa dívida, mas na próxima viagem a saldarei fazendo diversas palestras. Os confrades são muito dedicados no trabalho espiritual.

Varginha: O Centro Espírita «Humildade e Caridade» está firme no trabalho. Mantém desde 1949, sob os auspícios da Caixa Beneficente «Dr. João de Freitas», Sopa para os Pobres, contando atualmente com 30 pobres; auxílio pré-natal constante de enxovais para recem-nascidos, ambulatório médico, além da Escola de Alfabetização «Pedro de Alcantara», com capacidade para 30 alunos, estando em cogitação a construção de um Ginásio. A Diretoria do Centro é a seguinte: pres., José Paulino de Oliveira; vice, José Evaristo Guimarães; secr., Sotero Lima; tes., João Lika. A Diretoria da Caixa Beneficente «Dr. João de Freitas está assim constituida: pres., Charitas C. Liberal; vice, Isenarina Gonçalves; proc., Loa Zanon. Compartilhei de uma reunião da Mocidade Espírita de Varginha.

Itajubá: No Centro de Estudos Evangélicos «Allan Kardec» reuniram-se os presidentes dos Centros Espíritas locais para a reunião preparatória da fundação da União das Associações Espíritas de Itajubá. Foi eleita a Diretoria provisória, que ficou assim constituida: pres., Manoel Vieira Pinto; vice, Aldegondes Ribeiro Amaral; 1.o secrt., Nilton Martins Rodrigues; 2.o secr., Roberto Vieira da

Silva; 1.º tes., Amélio Correale; 2.º tes., Geraldo Pereira da Silva. Ao encerrar os trabalhos usei da palavra enaltecendo o pensamento dos presentes relativamente á união dos espíritas de Itajubá.

—

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. Lourenço Bianchi:

«Na minha última excursão a serviço de «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e «Instituto Pinheiro Machado» de Novo Horizonte, percorri a zona denominada variante, da Noroeste do Brasil e, segundo pude observar, o movimento espírita cresce incessantemente. Na minha ida, que começou de Rubiácea até Três Lagoas, fiz palestras em várias localidades. Em Andradina, os espíritas estão empenhados na construção de um Albergue Noturno, anexo ao Centro Espírita «André Luiz». O Albergue já deve estar funcionando. Na volta parei em Guararapes, onde estão construindo um Asilo para Órfãos, quasi terminado. Em Araçatuba estive alguns dias em casa do confrade Francisco Inácio, portador de belas faculdades mediúnicas, especialmente a de aliviar os sofrimentos alheios. Em sua companhia visitei a localidade chamada Córrego da Prata, onde fizemos palestra e trabalhos para a cura de doentes. Nesta localidade há um grupo de confrades bem orientados. Em Biriguí fiz palestra e assisti a um festival no Centro Espírita «Amor e Caridade», que é dirigido pelo confrade João de Almeida e sua esposa D. Linda. Estavam esperando o Deputado Campos Vergal, que não pôde comparecer, sendo substituido pelo confrade Gabriel Ruiz, cuja palavra agradou a todos. No dia seguinte, 29/8/54, o Deputado Campos Vergal era para inaugurar o novo prédio do Centro Espírita «Dr. Bezerra de Menezes», mas não pôde êle comparecer, sendo substituido pelo mesmo orador, confrade Gábriel Ruiz, que, como da vez anterior, agradou a todos. Eu também falei um pouco representando o «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» e o Instituto «Pinheiro Machado». Em Penápolis estão terminando a construção de um Asilo para pobres dementes. Em Promissão falei no Centro local.

Na minha próxima excursão visitarei as seguintes cidades: Brotas, Torrinha, Dois Córregos, Mineiros, Jaú, Pederneiras, Presidente Alves, Pirajuí, Guarantan, Cafelandia, Lins, Pongaí, Balbino e outras localidades circunvizinhas.

Agradeço de coração a todos os confrades que me proporcionaram boa acolhida e me ajudaram nesta excursão a pról da Doutrina, almejando-lhes paz, saúde e progresso espiritual.

Boletim Espiritista

Em Avellaneda, Argentina, acaba de surgir na imprensa espírita mais um colega, órgão do Ateneu de Propaganda Espírita «Allan Kardec».

O exemplar que temos sôbre a mesa de trabalho, n.º 4, insere ótimos artigos de fundos filosóficos e doutrinário.

Ao distinto colega almejamos progresso e felicidade na sua elevada tarefa de pregar a Verdade à luz do Espiritismo.

Com espirito de tolerância e humildade, esforçai-vos o mais possivel no sentido de viverdes em paz uns com os outros, se quiserdes ser considerados verdadeiros cristãos. Não basta relembrar os preceitos de Jesus, o essencial é pô-los em prática nos momentos em que são exigidos testemunhos da vossa compreensão e do vosso espirito de fraternidade, que tem por base aquêle ensino evangélico que manda não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós. Sem esta divisa evangélica a vossa marcha paralizará na senda da evolução espiritual. — C.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalipticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalipticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrças, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 50,00
	Semestre —	,, ,,	25,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	60,00
	Semestre —	,, ,,	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	55,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	70,00

NUMERO AVULSO CR. $ 4,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro